CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
PRAÇA CONS. RODRIGUES ALVES, 48 - 2º ANDAR
ANO DE 1986

GUARATINGUETÁ EM 1938

MEMÓRIAS DA CIDADE VELHA

Guaratinguetá é uma das cidades brasileiras que rememoram o nosso passado. Continua com a mesma idade na aparência, embora no tempo seja uma das mais antigas. Não faz muito, de passagem para o Rio, lá fiquei cinco minutos no trem, à espera do embarque dos passageiros. E neste breve espaço de tempo, o passado chegou ao presente numa surpresa agradável e evocativa. Guaratinguetá não é minha cidade natal, embora o seja da maioria dos Rodrigues Alves. Mas foi lá, que passei tempos memoráveis e a que só hoje, sei dar o merecido valor. O que torna Guaratinguetá a mais interessante cidade da zona Norte é o rio que a contorna. E muito embora este característico, a cidade não tem o feitio das cidades à beira-rio. As velhas cidades do interior mineiro se identificam com Guaratinguetá. O que mais encanta naquela cidade, é a sua vaidade pacata de interior. Sempre que ia a Guaratinguetá ficava hospedado na casa de minha avó materna. Era um solar magnífico pelo encantamento de seu conforto, embora despido de luxo. Espaçoso, silencioso. Um largo corredor de entrada, salas que mais pareciam sa-



lões, tudo patriarcal, tradicional. A rua era como todas as ruas. Não faltavam os carros de bois, rangendo, vagarosos; não faltava a muleca da correndo de-lá-para-cá; as conversas de vizinhos; as velhas matronas, debruçadas na janela, a cumprimentar os que passavam. Na Semana Santa as janelas não chegavam. Toda gente da casa da Rua Prudente de Morais queria ver a procissão de sexta-feira ou a aleluia, quando os moleques iam e vinham apanhando moedas e saracoteando nas calçadas. Mandava-se, antes do meio dia trocar dinheiro. E todos jogavam tostões para os guris, que numa gritaria disputavam, procurando-os na poeira da rua. À noite, a conversa ia até longe, na sala. Uns na rede cearense, outros ainda à mesa do jantar: os restantes pelas demais cadeiras e sofás. Chegavam conhecidos; alguns resolviam ir dar uma volta no "largo".

O "largo" ficava lá em baixo. Para lá da Igreja. Nisto Guará (como nós dizíamos) se identifica com as demais cidades do interior. Todas, regra geral, teem um "largo" ou "praça" coisa de muita importância principalmente para as moças namoradeiras. O "largo" de Guaratinguetá, era famoso: largo de todos, para todos. Nele ficavam uma estátua do Conselheiro Rodrigues Alves, um cinema, uma igreja, uma célebre sorveteria, a cadeia e sobrados antigos. As moças e os rapazes tomavam conta do largo todas as noites. Namoricos, diz-que-diz, olhares maliciosos de intriguinhas e conquistas.

Afonso Arinos de Melo Franco, observou-me recentemente que achava muito interessante aí, os pares de namorados, os "frangotes" e as "pequenas", passeando, flertando, e ao alto, o Conselheiro, muito paternal, de braço estendido, como que conivente com todos aqueles amores.

Nas outras ruas eu quasi não via namorados. Uns poucos. A não ser as empregadinhas muito juntas com os namorados, geralmente um mulato, muito pernostico, muito confidenciais em suas "prosas conta-vantagens". Nos dias quentes, costumavam por cadeiras na porta da rua e conversar na calçada, os homens em mangas de camisa, as mulheres sem fazer nada, eu acho que nem "crochet". À noite, quando eu era criança, costumava cacetear os que passavam pela calçada de nossa casa. Ficavam furiosos. Outros riam. A algumas pessoas conhecidas e mesmo desconhecidas entabolava-se conversa fiada, mas com as moças não se tomava liberdade.

Guaratinguetá apresenta sobrados velhos, bem velhos, escadas largas e mal conservadas, sobrados como aqueles do Norte que substituíram o prestígio das casa-grandes. Escadas com degraus em quantidade su

ficiente para cansar toda gente. Corredores fundos e escuros e as portas altas e comumente em arco. O Pedregulho ficava além da ponte, sobre o Paraíba. Nunca gostei muito de lá. Parecia outra cidade pouco mais moderna, embora fosse apenas um pequeno bairro.

A casa de minha avó paterna está situada ao lado da Matriz. Sempre achei-a misteriosa. Suas salas tinham a monotonia das mansões abandonadas. Ultimamente (e isto falando até 1931) quasi ninguém lá se hospedava. Tudo estava coberto para afastar a poeira.

Os quartos tinham os móveis amontoados. Tudo quieto e antigo.Dias alegres e divertidos aquela casa tivera: agitação, conversas, namoros... quem sabe, lautos almoços e jantares, reuniões importantes. Agora, é o passado, que traz o silêncio e o segredo. Está tudo mudado. Hoje é uma casa triste onde não se ouve mais a voz de qualquer um.Só do tempo. As portas estão fechadas. Não sei que fim terá tido o velho tilburi, no qual muitas vezes passeou meu avô, Coronel Virgílio. No tempo em que eu frequentava a cidade, este velho carro permanecia numa garage, antiga, nos fundos da casa, encostado e inútil, entre teias de aranhas e o pó que aos poucos ia confirmando a sua velhice calma e desprestigiada. Para mim, aquela casa foi sempre misteriosa e estranha, porque sempre eu a conheci fechada, apenas visitada assim avulsamente, sem que alguém alí se instalasse.

A Igreja faz parte da vida diária da cidade. Depois da reza é que as prosas tinham lugar. Depois da reza é que os namorados se encontravam, as velhas paravam no meio da rua para comentários, os parentes se visitavam... Velhas e moças até ficavam de propósito na janela, a espera das pessoas conhecidas que por ali passavam, de volta da igreja. Minha avó fazia isso. E lá da sala de jantar, eu olhava que no quarto escuro, ela estava, repousando os braços no parapeito da janela escancarada. Bem pela manhã eu a encontrava na cozinha. Muitas vezes abusávamos das deliciosas linguiças e das geléias de mocotó que ela fazia. Outras vezes os netos insistiam para que ela tocasse piano. E minha avó, com a juventude dos tempos passados, ainda dedilhava a LA PALOMA. Quando não, minha tia solteira e alí residente (hoje falecida) insistia na VASSOURINHA, peça obrigatória em todos os momentos de música.

Guaratinguetá é uma cidade romântica. Tem, é verdade, bonde elétrico, luz, bom calçamento, hábitos modernos. Talvez hoje,muito mudada esteja. Coisas novas, costumes modernos, outra gente. O rio a embala e a torna romântica. A política transformou-a em cidade histórica; os solares velhos aumentam o seu valor como patrimônio do passado longinquo.

Quando o trem partiu, eu vi duas coisas iam-se afastando. O rio Paraíba, sempre velho e sempre novo, e acidade de Guaratinguetá...

Francisco Rodrigues Alves Filho

NOTAS DO MUSEU FREI GALVÃO

1) a casa da rua Prudente de Morais, atual nº 50 , referida pelo autor, é a que está no desenho. A outra, à esquina da praça Santo Antonio com a rua Coronel Virgílio, foi demolida na década de 1940.

2) esta monografia foi transcrita do livro de Francisco Rodrigues Alves Filho "Cronicas do Brasil Antigo" (com um estudo, ilustrado, sobre o Conselheiro Rodrigues Alves), publicado em 1938 pelas Edições e Publicações do Brasil - SP, com prefácio de Afonso Arinos de Mello Franco. Em 18-06-1939 o jornal "O Parahyba" de Guaratinguetá publicava artigo elogioso sobre sua edição.

3) O desenho da monografia é do livro "Vale do Paraíba Velhas Cidades", de autoria de Tom Maia e Thereza Regina de Camargo Maia, publicado em 1977 pela Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, com prefácio de Mário Guimarães Ferri e resumos do texto em espanhol, francês e inglês.